

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

159

INSCRIÇÕES 627-630



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



LÁPIDE FUNERÁRIA DE TRÓIA
(*Conventus Pacensis*)

Fragmento de lápide funerária romana, de mármore branco e forma sub-rectangular, recuperada, a 26 de Setembro de 2011, na escavação da área a oeste da necrópole de *mensae*¹ de Tróia (Grândola, Setúbal).

A epígrafe foi exumada em um contexto claramente secundário, uma vez que se encontrava inutilizada e fragmentada no interior de uma bolsa (u. e. [850]) de consistência argilosa e coloração muito escura, provavelmente devida à elevada presença de carvões, cinzas e restos malacológicos (*Mytilus edulis*). A sua proximidade às sepulturas E e possível sepultura F (?), assim como a natureza dos materiais encontrados nesta unidade sugerem uma muito provável relação com a área de necrópole mas não necessariamente com estas estruturas funerárias, devido à aparente distância cronológica entre os enterramentos identificados nesta escavação e a proposta baseada na análise formal desta lápide (ver infra). Para além da placa funerária epigrafada, outros materiais surgem associados a esta unidade estratigráfica, nomeadamente: uma moeda de liga de cobre ilegível, um fragmento de prato/tampa de cerâmica africana de cozinha da forma Hayes 196, quatro fragmentos de *sigillata* clara C, um fragmento de lucerna que conserva parte do disco e o arranque da asa – tipo Dressel/Lamboglia 20 ou 30B (?) – e ainda um fragmento de prato de

¹ Também designada pelo acrónimo ONM – Oeste da necrópole de *mensae*.

vidro inclassificável.

O fragmento epigrafado apresenta uma fractura antiga, que se desenvolve longitudinalmente, pelo que apenas se conserva a parte inferior. O seu estado de conservação deve-se, assim, a factores antrópicos, que reflectem a sua inutilização e associação a um contexto de deposição secundária, ainda que provavelmente associável à mesma área de necrópole. O campo epigráfico encontra-se delimitado por linhas, tanto no sentido horizontal (em baixo) como no vertical,² o que mostra o cuidado posto pelo lapicida na organização espacial do texto, ainda que não haja, depois, linhas de pauta a obrigar a um rigor geométrico quer na orientação dos travessões quer numa uniformização da altura ou da orientação dos caracteres. Dá a impressão de que o lapicida poderá ter dito de si para consigo: «Vou inscrever aqui, não posso ultrapassar estes limites» e, depois, procurou desenhar as letras quase à mão levantada, porque não nos apercebemos de uma preocupação estética deliberada.

A inscrição estará, pois, afectada em cerca de 1/3, uma vez que, apesar de se mencionar a idade do(a) defunto(a), desconhecemos o seu nome e filiação, dados que deveriam constar numa linha anterior e da qual apenas se conserva parte da primeira letra (provavelmente um L).

Dimensões (cm): 23,75 x [?]³x (1).

Campo epigráfico: 18,7 x (?).

L [?] [...] / ANN(orum) XXXV (*quinque et triginta*) ·
C(*aecilia vel Cornelia*?) · / AVGVSTA POSVIT

L (...), de trinta e cinco anos. Cecília ou Cornélia (?)
Augusta pôs.

² A ‘margem’ inferior é de 1,6 cm, e as laterais de 2,45 (à esquerda) e 2,8 cm (à direita).

³ A altura máxima do fragmento é de 9,13 cm, sendo que a altura máxima conservada do campo epigráfico varia entre os 5,17 e os 7,6 cm, sendo neste espaço reduzido que se apresentam pelo menos duas linhas e parte de uma terceira.

Altura das letras: l. 1: (?); l. 2: 1,9 (C) a 2,2 (A e segundo N); l. 3: 1,6 (primeiro T) a 2,3 (G). Espaços: 2: 1; 3: 0,4 a 1,25.

O texto apresenta-se alinhado à esquerda. O *ductus* é, como se disse, pouco regular, apesar das tentativas de traçado uniforme para cada letra, de estilo actuário: P fechado, O regular estreito, todos os A sem travessão, G com travessão de orientação vertical mas colocado na zona inferior à linha; dois *puncti distinguentes* de feição circular, obtida pela gravação de um “X” (o que confirma a utilização de cinzel para gravação) e que separam partes do texto. Todos os caracteres se apresentam serifados à excepção, óbvia, do O.

Pelas suas características formais, a epígrafe insere-se de pleno direito no que se conhece dos monumentos epigráficos de Tróia,⁴ podendo mesmo colocar-se a hipótese de ela se ter destinado a figurar na face dianteira de uma árula (ou de uma cupa) como a que nos chegou inteira (IRCP 212).⁵

A idade do defunto⁶ tanto pode referir-se a um progenitor como a um filho. Inclinar-nos-íamos, sem outra razão a não ser a de o *nomen* da dedicante vir em sigla (mas não é, claro, uma razão peremptória), a que possamos estar perante uma homenagem filial ou mesmo conjugal. Foi intencional a utilização da sigla, quer o tenha sido por razões epigráficas, de falta de espaço, ou por o *nomen* estar por extenso na(s) linha(s) em falta e, consequentemente, de mui fácil identificação, sobretudo num meio, como poderá sido o de Tróia, onde – devido à sua utilização na produção de *garum* – a população servil e de libertos não seria despreciada e, por isso, os gentilícios facilmente eram passíveis de se mencionar em sigla, uma vez que poucas seriam as famílias existentes, reconhecíveis. Por conseguinte, será sempre aleatória qualquer

⁴ Vejam-se, a título de exemplo, IRCP 209, 214, 218 e 222, a indiciar a existência de uma oficina epigráfica comum.

⁵ IRCP = ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

⁶ Somos tentados a ver no possível L da linha superior que desapareceu a sigla do *praenomen* L(*ucius*)...

tentativa de o adivinhar: *Caecilia*, *Cornelia*... constituiriam, portanto, hipóteses verosímeis, mas não demonstráveis.

Quanto ao *cognomen Augusta*, a sua utilização – supomos que também devido à sua alta conotação religiosa e, até, relacionável quiçá com a casa imperial – foi, de facto, extremamente rara na Península Ibérica, segundo lográmos apurar: para *Masclia Augusta*, sua *patrona*, diligencia a *liberta et haeres Masclia Glauce* que seja erigido monumento funerário (HEpOL n° 10 052),⁷ em Tarragona; em Cádiz, *Aemilia Augusta* faleceu, *kara suis*, «querida aos seus», com 31 anos apenas (HEpOL n° 6220). No seu tempo, Iiro Kajanto⁸ apenas contabilizou 19 mulheres com o *cognomen* de *Augusta* no conjunto dos vários volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, considerando não ser possível atribuir-lhe um significado concreto; ou seja, tanto pode ser, na origem, mero adjectivo, a acentuar um carácter de excelência, como, a partir do tempo do imperador Augusto, uma ressonância vagamente imperial. A sua raridade é, porém, indício ímpar de que era de cultura não despicienda a população romana de Tróia.

Para a atribuição de uma datação, o contexto arqueológico secundário em que o fragmento foi exumado não é susceptível de nos fornecer uma informação fidedigna. As características paleográficas (por exemplo, o A sem travessão, o G com a perna voltada para baixo) e a simplicidade textual sugerir-nos-iam, de preferência, o século I d. C., a que – porventura – não teria sido alheia a escolha do *cognomen Augusta*.

JOÃO ALMEIDA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
TERESA PEREIRA

⁷ HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em <http://eda-bea.es>.

⁸ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 316.



627

LA ESTELA ROMANA DE LA DEHESA DE GIL TÉLLEZ
(CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

En una de nuestras continuas correrías por el campo cacereño en busca de vestigios del pasado, llegamos a la dehesa de Gil Téllez, dedicada enteramente a la explotación de ganado vacuno. Tras pasar varias cercas de alambre llegamos a unos cobertizos que sirven de cobijo al ganado. En uno de ellos pudimos observar, semicubierto por la suciedad y la vegetación, un bloque de granito utilizado como umbral de la puerta que tenía grabadas unas pocas letras. Tras su limpieza nos percatamos de que se trataba de un fragmento de inscripción romana.

La mencionada dehesa se encuentra a unos diez km al noreste de la capital cacereña por la carretera EX 390 en dirección a de Monroy. Para llegar aquí pasamos por el campamento romano de Cáceres el viejo – identificado con *Castra Caecilia*, *contributa* de la colonia *Norba Caesarina* –, polo de atracción de las poblaciones indígenas de la zona¹. Cerca de aquí se encuentran dos interesantes castros, cuyos

¹ ABÁSULO ÁLVAREZ (José Antonio), GONZÁLEZ FERNÁNDEZ (María Luz), MORA SERRANO (Bartolomé), «Recientes investigaciones en el Campamento de Cáceres el Viejo», *Arqueología urbana en Cáceres. Investigaciones e intervenciones recientes en la ciudad de Cáceres y su entorno* [Memorias 7], Cáceres 2008, 115-144.

habitantes, tras su abandono, debieron de integrarse en el censo de la nueva colonia. Uno de estos castros se ubica en un meandro del río Guadiloba a tres kilómetros al oeste del lugar donde se halla nuestra inscripción; el otro se localiza a unos cuatro kilómetros en dirección norte, en un espigón formado en la confluencia de los ríos Tamuja y Almonte, en el lugar conocido como “Aguijón de Pantoja”. No cabe duda que, tras el abandono de estos dos castros en época cesariana, su población debió de asentarse en el entorno de la nueva colonia fundada por aquellas fechas. Seguramente la presente inscripción procedería de alguna de las numerosas *villae* dispersas por el entorno de la Colonia.

No es una zona especialmente rica en hallazgos epigráficos, pues es un paraje de escaso interés agrícola que debió de estar poco poblada en época romana. Se trata de un lugar caracterizado por pequeñas ondulaciones cercano a los riberos del Almonte, ahora desprovisto de vegetación, pero que en época romana estaría cubierto de encinares y alcornocales.

Corresponde a la parte inferior de una estela de granito de grano fino y de color claro. Está cortada en el lateral derecho, que debió de tener buenas proporciones. Se encuentra en un deficiente estado de conservación y solo se distinguen unas pocas letras en dos líneas de texto.

Dimensiones: (80) x (19) x (---); letras: 8.

H(ic) · E(st) [S(it-)]?
S(it) · T(ibi) · T(erra) [L(evis)]

Las letras, grabadas profundamente y de factura irregular, son capitales alargadas con rasgos rústicos y la interpunción en punto. En la línea final se aprecia levemente la T de *terra* y, aunque por debajo de esta se aprecian algunos trazos, no parece probable la continuidad del texto, pues no puede haber un desgaste tan acusado en la parte inferior.

La distancia desde el texto hasta la parte inferior de la estela es considerable, por lo que suponemos que estaba hincada en la tierra en posición vertical.

El nombre del difunto se ha perdido, así como la edad del mismo, si es que llegó a especificarse. Solo se ha conservado parte de la fórmula funeraria.

Puesto que desconocemos la anchura de la piedra no podemos calcular el número de letras por línea, aunque, dependiendo del tamaño, no parece ser superior a cuatro; con lo cual estaríamos en presencia de una estela de texto muy simple; quizás únicamente con el nombre del difunto y la fórmula funeraria, sin dedicante ni fórmula final. En tal caso, los trazos que se aprecian en la primera línea corresponderían a la H y la E de la fórmula funeraria, separadas por la interpunción. De ser así, el esquema canónico de la misma estaría alterado, bien por omisión del participio, bien por su posición tras el verbo auxiliar; solución esta última más probable, habida cuenta del espacio existente hasta el final de línea.

Por la fórmula funeraria completa se fecharía a finales del siglo I o en el II d. C.

JULIO ESTEBAN ORTEGA
ÓSCAR DE SAN MACARIO SÁNCHEZ
JOSÉ ANTONIO RAMOS RUBIO



628

Ficheiro Epigráfico, 159 [2017]

INSCRIÇÃO A JÚPITER NA IGREJA DE SANTA MARIA
MADALENA (MONTEMOR-O-VELHO)
(*Conventus Scallabitanus*)

Esta inscrição romana encontra-se inserida no cunhal exterior da capela-mor (do lado da epístola) da Igreja de Santa Maria Madalena (Montemor-o-Velho), junto à barbaca sul do castelo, no Caminho de Santo António (FIG. 1). Devido ao estado de ruína da igreja, foi necessário escorar a zona em que se encontra a inscrição, razão pela qual não está atualmente visível.

Dimensões: 45 x 35 x 36.

A inscrição (FIG. 2), de letras bem delineadas (9,5 cm de altura), possivelmente atribuíveis ao século I d. C., é a seguinte:

[I]OVI / [O(*ptimo*) M(*aximo*) S(*acrum*) / [...]

Consagrado a Júpiter Ótimo Máximo.

Deveria ser uma inscrição votiva, fazendo parte de uma ara ou do pedestal de uma estátua. Foi claramente afeiçoada para se adaptar à nova função de pedra de cunhal,

comprometendo as primeiras letras de cada linha. Ficamos sem saber também se, por baixo do texto visível, apresentava mais linhas de texto, nomeadamente com a identificação do dedicante.

A boa paginação e a regularidade e proporção das letras apontam para uma cronologia do século I d. C., cronologia esta também atribuível a uma outra inscrição oriunda de Montemor-o-Velho e atualmente pertença do Museu Nacional de Machado de Castro¹. É possível que ambas as inscrições sejam oriundas do sítio arqueológico da Capela de Nossa Senhora do Desterro, que em recentes escavações arqueológicas se provou ter ocupação desde meados do século I d. C.

FLÁVIO IMPERIAL

¹ CORREIA (Virgílio) e GONÇALVES (A. Nogueira) *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*, Lisboa, A. N. B. A., 1947, p. 131; LUCAS (Maria Miguel), «A Gens Cadia em Aeminium». *Conimbriga*, 28, 1989, p. 178-180.



1



2

629

GRAFITO DE EBVROBRITTIVM
(*Conventus Scallabitanus*)

Três fragmentos de *imbrex*, que se ajustam, encontrados em 30 de Julho de 2001, em contexto de terra castanha com materiais cerâmicos de construção, no decorrer de mais uma campanha de escavação que, sob a orientação de José Beleza Moreira, foi levada a efeito no sítio que acabou por ser identificado com a cidade romana de *Eburobrittium*. Recorde-se que os resultados da investigação constituíram a sua dissertação de Mestrado.¹ Os significativos e singulares testemunhos epigráficos do sítio acabariam por ser alvo do estudo à parte, a que ambos lançámos mãos.² Deixámos, na altura, por referir alguns dos grafitos encontrados e este é um deles.

Dimensões: 22,5 (altura) e 32 cm de largura.

Lêem-se bem um T (de 6,8 cm) e um R (6,5 cm), esguios, gravados com cana bífida na pasta antes de ir ao forno: barra do T breve; R de cabeça pequena e perna muito lançada obliquamente e aberta em relação à haste vertical – um traçado típico da escrita cursiva.

Não se nos afigura lícito aventar qualquer sugestão de interpretação, ainda que se possa afirmar:

1º) que será, mui possivelmente, o começo de um único nome, a identificar o destinatário do lote de que esta seria a primeira telha;

¹ MOREIRA (José Beleza), *A Cidade Romana de Eburobrittium – Óbidos*, Porto, 2002.

² ENCARNÇÃO (José d') e MOREIRA (José Beleza), «*Eburobrittium* e as suas epígrafes singulares», *Conimbriga* XLIX 2010 41-67. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20147>.

2º) que são raros os nomes iniciados por TR registados na epigrafia peninsular, sendo, na sua maioria, conotados com radicais gregos: *Troilus*, *Trophimus*, *Tritius*... – o que poderá reforçar a ideia de que estamos perante mais um testemunho de uma identificação de influência não autóctone.

Reconhece-se, cada vez mais, que os grafitos merecem tanta atenção como as próprias marcas de oleiro. Estas representam uma informação oficial, estereotipada, que permitem identificar oficinas cujos produtos porventura se espalharam pelo mundo romano; aqueles denunciam o quotidiano da produção, uma anotação específica, um instantâneo.³ Foi justamente entre o vulgar material cerâmico de construção recolhido em *Eburobrittium* que identificámos o que o operário encarregado da contagem de tijolos escrevera num deles para não perder a conta: *usque hic CCC* – que é como quem diz «até aqui eu contei 300».⁴

Um mundo vivo, a que desta forma acedemos, não sem despertar, até, alguma emoção, porque, de certo modo, nos imaginamos presentes nesse quotidiano longínquo a que mui singela frase tem o raro condão de nos transportar.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ BELEZA MOREIRA



630

³ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia*, Fratelli Lega Editori, Faenza, Set. 2009, p. 15-28. Accesível em: <http://hdl.handle.net/10316/11470>.

⁴ ENCARNAÇÃO e MOREIRA, 2010, inscrição nº 7 (p. 53-54).